

ASPECTOS DE TERMINOLOGIA GERAL E TERMINOLOGIA VARIACIONISTA

Enilde Faulstich*

RESUMO: As duas leituras que hoje se fazem da terminologia consideram o termo, na ótica do prescritivismo ou com base nas teorias de variação lingüística. Para alguns, o termo é a denominação de uma noção unívoca; para outros, os termos são entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas e funcionam na diversidade da(s) língua(s). No contexto de variedades, a gramática que rege os termos não é outra senão aquela mesma que estrutura os lexemas. O que distingue termos de lexemas é a semântica pragmática, por meio da qual identificamos o movimento gramatical e conceitual do termo. Um modelo de análise possível é o que parte do funcionalismo, que proporciona a criação de categorias e de tipos de variantes terminológicas em consonância com os usos.

UNITERMOS: Terminologia; variação; descrição terminológica; diversidade; normatização; univocidade.

ABSTRACT: *The two readings of terminology that are current today consider the term under the approach of prescriptivism or of the theories of linguistic variation. To some authors, the term is the denomination of a univocal notion; to others, terms are variant entities, because they form part of distinct communicative situations and function in the diversity of language(s). In the context of varieties, the grammar that rules terms is not other than the one that structures lexemes. What makes terms different from lexemes is the pragmatic semantics through which we identify the term's grammatical and conceptual movement. A possible model of*

* Instituto de Letras (IL), Universidade de Brasília (UnB), Brasil.

analysis is the one based on functionalism, which enables the creation of categories and types of terminological variants in consonance with usage.

KEYWORDS: *Terminology, variation, terminological description, diversity, normatization, univocity.*

0. Situação do tema

Os modernos estudos de terminologia têm proporcionado que idéias novas, à luz das teorias e das práticas terminológicas, complementem aquelas existentes ou a elas se contraponham. Estudos, pesquisas e aplicação de teorias se desenvolvem conjuntamente, tendo em vista as necessidades das novas tecnologias. A terminologia é uma disciplina que adquire matiz próprio no âmbito da interdisciplinaridade. Nesse contexto, tanto os fundamentos da terminologia geral, quanto os da terminologia variacionista construíram postulados que passam pelo conhecimento implícito e explícito que um falante tem de sua língua. Esse conhecimento fomenta o discurso cotidiano, uma vez que cerca de noventa por cento dos itens lexicais empregados no dia-a-dia são termos.

Para fins de organização das idéias, dividimos este texto em duas partes. Na primeira, faremos sucinta revisão da terminologia wüsteriana, por considerar que o autor lança os axiomas de uma teoria geral não-variacionista. Que fique claro que expusemos as idéias de Wüster não necessariamente para criar contraponto às nossas, mas com o fito histórico. No item a, da primeira parte, apresentaremos noções da terminologia geral de E. Wüster e, no item b, será examinado um vislumbre da variação dentro da teoria geral. Na segunda parte, discutiremos a variação com base em um constructo que possibilita tratar o fenômeno em nível terminológico.

I. Uma leitura histórica

I.a Noções da terminologia geral de E. Wüster

Eugen Wüster (W.), na obra *Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik*, de 1931, constrói seu pensamento teórico em torno da palavra *terminologia* para a qual ele aponta três significados (cf. Lurquin, 1979):

i) em primeiro lugar, terminologia é o sistema de conceitos próprios a um domínio especializado e de suas denominações; é, pode-se dizer, um **conjunto de termos** com suas significações;

ii) o segundo sentido principal de “terminologia” é o da teoria da terminologia, em uma dada língua, de um domínio especializado, ou, se se quiser, lexicologia especializada desse domínio;

iii) o terceiro significado que o autor atribui à terminologia é o de *teoria geral da terminologia*, ao considerar que, por abstração, encontram-se em terminologia princípios comuns que são gerais a domínios variados em diversas línguas.

Para complementar o significado de ii), Wüster observa que já se vem utilizando a teoria especial da terminologia em lugar de “teoria da terminologia” porque a expressão “teoria da terminologia” guarda um significado tautológico com o elemento “-logia” e a palavra “teoria” significando, de fato, a mesma coisa. Sugere, por conseguinte, que, em lugar de “teoria da terminologia”, seja empregada “teoria terminológica”.

Em iii), apesar de fazer equivaler *terminologia* à *teoria geral da terminologia*, o autor insiste que a expressão “teoria geral da terminologia” poderia ser substituída por “teoria fundamental da terminologia”. No seu entender, a terminologia geral não deve se ocupar das denominações particulares, quer dizer, das designações lingüísticas, que devem ser citadas como exemplos.

W. completa suas considerações relativas aos três significados de terminologia, explicando que “denominação” significa em terminologia “designação lingüística” ou “apelação”, e que o vocábulo “termo” emprega-se, de maneira geral, para denominações especializadas. Esclarece o autor que o desenvolvimento da apresentação sistemática dos dicionários deu lugar a uma espé-

cie de competição não consciente entre a lingüística e a teoria geral da terminologia.¹

O autor questiona a relativa autonomia da terminologia como disciplina e a vincula à lingüística aplicada: "*Ce point, précisément, est hautement caractéristique de la théorie générale de la terminologie: celle-ci est une branche de la linguistique appliquée.*"

Declara W. que, em lingüística, a concepção moderna da língua considerada como sistema nocional remonta a Ferdinand de Saussure, cuja obra não desperta, na primeira metade do século, o interesse esperado nos países de língua alemã, como acontece um pouco mais tarde com os livros de Léo Weisgerber (1921) e Jos Trier (1931). Ainda que estes dois autores não se refiram às teses saussurianas, as teorias desenvolvidas por eles estão próximas das do genebrino. Weisgerber invoca principalmente Wilhelm von Humboldt, que ensinou 100 anos antes de Saussure. Wüster ainda observa, cuidadosamente, que a afirmação de que a teoria de Saussure despertou pouco interesse nos países de língua alemã cabe somente no que diz respeito à lexicologia estrutural e, conseqüentemente, à terminologia.

Em decorrência do pensamento de Weisgerber, associado ao de Saussure, surgem a lexicologia estrutural e as pesquisas na área. Weisgerber, em seu livro de 1929, previra o desenvolvimento prático da disciplina. Desejava ver dicionários que apresentassem vocabulários não mais feitos ao acaso, mas com base em domínios da vida prática, com conteúdos. Somente em 1952, dois lingüistas realizaram esse desejo com a publicação de um dicionário sistemático da língua comum, cujo título, no entender de Wüster, é um programa: *Système raisonné des notions pour servir de base à la lexicographie*, elaborado pelo romanista Walther von Wartburg e (com a colaboração de) Rudolf Hallig. Pouco tempo depois do aparecimento desse livro, realizou-se, em Londres, o 7º Congresso Internacional de Lingüistas. Ali, von Wartburg apresentou em uma seção extraordinária uma exposição sobre o sistema de conceitos, passando ao centro das atenções no Congresso.

¹ Cf. Lurquin, item 2.222, p. 65

Na linha dessa revisão, Wüster destaca como interessante o que von Wartburg disse de seus precursores. Ele elogiou o *Dicionário ideológico* espanhol de Julio Casares – *horresco referens!* –, publicado em 1942, e acentuou: “não é lingüista, mas diplomata”. Referiu-se também ao inglês Roget, que havia começado um pouco antes de 1800 – à época de von Humboldt – a elaboração de seu célebre *Thesaurus*, e menciona também o *Deutschen Wortschatz nach Sachgruppen* de Franz Dornseiff, de 1934, que nada deve a Roget. Lembra ainda o guia multilíngüe de Oscar Hecker, *Systematisch geordnete Wortschatz* (Vocabulaire systématique), de 1907.

Todos esses dicionários, como o sistema conceitual de von Wartburg, são, sob o olhar wüsteriano, apenas recolhidas de materiais, de trabalhos preparatórios; não são ainda verdadeiros sistemas conceituais. O último foi escrito, sobretudo, para atender às necessidades dos viajantes, pois relaciona palavras isoladas e numerosas locuções.

Em seguida à conferência de von Wartburg, W. teve a oportunidade de lhe dizer que, em terminologia, a passagem dos dicionários alfabéticos aos dicionários sistemáticos se operara 50 anos antes e que, somente em terminologia, a evolução não se fez da teoria para a prática, mas no sentido inverso. Interessante informação de Wüster é a de que, logo depois da virada do século, iniciou-se uma luta dramática que durou muitos anos, entre o método alfabético e o método sistemático. Ilustra com a Associação dos Engenheiros Alemães, a VDI, que decidira por volta de 1900 editar um dicionário monumental sob o título de *Technolexicon*. Para dirigir os trabalhos, foi convidado um jovem filólogo recomendado pelas edições Langenscheidt. De 1902 a 1905, elaboraram-se três milhões e seiscentas mil fichas de referência cuja opção fora evidentemente a classificação alfabética.

Logo depois, em 1906, um jovem engenheiro, Alfred Schlomann, publica, um pequeno dicionário sistemático de peças de máquinas. Este dicionário ilustrado, em seis línguas, tem o efeito de uma bomba. Em virtude disso e em decorrência do enorme tempo (cerca de 40 anos) calculado para a publicação do *Technolexicon*, a VDI apóia não só o método de Schlomann, mas também sua empresa. É assim que nasce o maior dicionário ter-

minológico existente até hoje. Até 1932, publicaram-se 17 grossos volumes, consagrados a 17 domínios diferentes.²

Em 1906, em meio aos conflitos que assolavam o mundo no início do século, foi criada a Comissão Internacional de Eletrotécnica (IEC). Um de seus objetivos principais era a coordenação internacional da terminologia da eletrotécnica. Depois de 30 anos de pesquisas, em 1939, os trabalhos chegam à primeira edição de um dicionário com definições em seis línguas, com classificação sistemática.

Em 1963, publica-se uma nova edição revista e aumentada do sistema de conceitos de von Wartburg. W. declara que não houve nenhuma mudança fundamental no que concerne à classificação. A lexicologia nada extraiu de proveito desta obra. Também não surgiram outros dicionários sistemáticos (exceção feita aos dicionários com imagens). Com relação às exigências de mesma natureza à língua comum, o entendimento era o de que as palavras da língua comum são polissêmicas e os significados e conotações são raramente delimitados de maneira rigorosa. Além disso, parecia pouco oportuno, de um ponto de vista prático, destacar redes semânticas na língua comum, pois o costume era limitar os dicionários técnicos a um só domínio. Assim sendo, o termo, em um dicionário técnico, só podia ser unívoco e monossêmico, uma vez que o número de significações devia ser limitado.

Wüster chama atenção para o que ele considera um fato surpreendente: o de que, até aquele momento, todos os dicionários terminológicos de natureza lingüística adotavam a classificação alfabética. Mesmo o volumoso *Sprachwissenschaftliches Wörterbuch* de Johan Knobloch, editado em fascículos a partir de 1961, em colaboração com Weisgerber, não era exceção a esta regra. W. aponta como razão o fato de que, provavelmente, a elaboração de um bom sistema conceitual, não importando em que domínio, representa um volume importante de trabalho.

Embora Eugen Wüster tenha morrido em 29 de março de 1977, aos 78 anos, pôde ainda testemunhar o desenvolvimento

² Alguns anos mais tarde, o Nacional Socialismo pôs fim aos trabalhos de Schломann, que teve de abandonar a Alemanha em 1935.

da terminologia. O fato de considerar as terminologias como sistemas de noções interdependentes e não mais como listas de palavras revolucionou as práticas em matéria de trabalho terminológico.³ As bases de uma sistemática verdadeira, à luz do pensamento wüsteriano, foi analisada por P. Auger em 1975. Em resumo, declara:

Dans tous les pays industriels, elle [la terminologie] fait partie intégrante de la vie économique. Un haut niveau scientifique et technique, qui se traduit par un potentiel équivalent de production industrielle nécessite un large courant d'information technique et une étroite collaboration sur le plan international et explique l'importance qu'on accorde aujourd'hui aux travaux terminologiques... Enseigner la chimie, la plomberie, le droit, c'est non seulement enseigner une science, une techniques, un art, mais est aussi enseigner une terminologie.⁴

I.b Um vislumbre de variação

Em 1931, Eugen Wüster, no seu *Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik*, defendia a tese de que a terminologia não deveria acolher ambigüidades realizadas por denominações plurivalentes (termos homônimos e polissêmicos) e por denominações múltiplas (termos sinônimos). Segundo essa perspectiva, interpretavam-se como anômalos os casos que gerassem ambigüidades e motivassem a variação.

No modo de entender de Wüster (1998, p.150), “*variação lingüística era toda perturbação da unidade lingüística*”,⁵ que se caracterizava pelo aparecimento de sinônimos ou homônimos de variação. W. advertia ainda que é necessário fazer distinção entre “cisões” (variantes) monolingües e “cisões” interlingües.

³ Cf. Lurquin, p. 57

⁴ Pierre Auger, in *Actes du Colloque international de terminologie du Manoir du Lac Delage* (octobre 1975), citado por Lurquin, p. 57

⁵ “Se denomina variación lingüística toda perturbación de la unidad lingüística.”

A variação lingüística monolíngüe pode ser regional e pode ocorrer entre campos temáticos. A variação lingüística interlíngüe se dá quando diferentes termos são empregados para designar um só conceito em várias línguas. Estes são denominados sinônimos de variação.

Wüster tinha também como pressuposto que a variação poderia ser eliminada por meio da normalização dos termos, que eram considerados unidades biunívocas e monorreferenciais, dentro de uma área de especialidade.

Normaliser, en terminologie, c'est simplifier a posteriori, c'est-à-dire supprimer les synonymes et les homonymes. Cette suppression des synonymes va totalement à l'encontre de ce qui se fait en langue commune, puisque ce sont ici des considérations d'ordre stylistique qui déterminent le recours à des expressions différentes.

L'exemple des langues en développement démontre clairement autre chose encore: la normalisation terminologie doit également pouvoir à la création de nouvelles dénominations: cette création de dénominations à partir d'un centre assure dès l'origine l'uniformité.

La normalisation, qu'elle se fasse à la suite de choix ou par création, suppose un phénomène qui se produit à peine dans l'étude de la langue commune: l'évaluation des éléments de langue. En langue commune, en effet, il s'agit de justesse de langage, c'est-à-dire de conformité avec la norme de "ce qui est", tandis qu'en terminologie on vise l'efficacité, et celle-ci s'incarne dans la norme de "ce qui devrait être".⁶

W. reconhecia a polissemia dos termos, mas enfatizava que dentro de um domínio específico o termo deveria ser monovalente, mesmo sendo polissêmico. Parece que nesse contexto, terminologia e variação são visões que não se coadunam, pois a terminologia tradicional tinha justamente o objetivo de eliminar a variação em uma linguagem de especialidade.⁷

⁶ Transcrito de Wüster, apud Lurquin, 1979, p. 63

⁷ Ver discussão mais ampla em Lamberti, 1999

Na década de 80, surge uma nova atitude em relação à variação em terminologia. A meta era entender a variação como um fenômeno de língua, de usos e de natural ocorrência nas linguagens de especialidade. Entender, enfim, que terminologia é disciplina de ordem social. Surgem, em decorrência, preâmbulos a uma socioterminologia, justificada por Boulanger assim (1991, p. 19):

La variation terminologique est aussi nécessaire et évidente que la variation lexicale ou linguistique observée pour toute langue fragmentée dans le temps, dans l'espace et dans la société. Ces variations diachroniques, diatopiques et diastratiques forment l'essence même de la socioterminologie.

Em 1993, Gaudin (p.296) reforça: *“il convient donc, au lieu de la combattre en la minorant, de comprendre cette variation et de l'étudier”*.

E em 1994, Auger (p.483) chama atenção para o fato de que o lingüista tem a responsabilidade de denunciar *“et déjà que le linguiste avait préalablement dénoncé la tyrannie imposée par le découpage des terminologies à des strictes catégorisations en domaines pour mieux nuire à leur migration interdisciplinaire”*. E mais, que *“cettes nouvelles attitudes visant à ouvrir les terminologies à la variation comme étant des objets qu'il faut adapter aux contraintes du temps, de l'espace, de l'objet à définir [...]”* (p.483). Adiante revela Auger: *“[...] cette attitude revient à admettre des phénomènes comme la polysémie et la synonymie traditionnellement considérés comme aberrants ou, à tout le moins, interférants dans les discours de LSP.”* (p.484)

Na seqüência histórica dos estudos de uma terminologia social, procuramos, em 1995, traçar um caminho que aproximasse teoria e prática de uma visão socioterminológica e, por conseqüência, de uma terminologia funcionalista. O primeiro passo foi a descrição das bases metodológicas. Os princípios defendidos formaram, inicialmente, um conjunto de idéias, reunidas na *base metodológica para a pesquisa em socioterminologia: termo e variação* (Faulstich, 1995).

O ponto de vista que defendemos é o de que a terminologia está voltada para a observação do uso do termo em contextos de língua oral e de língua escrita, atitude que implica a possibilidade de identificação de variantes dentro de um mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o mesmo termo é usado.

Variação e terminologia não se confrontam na abordagem atual. Pelo contrário, defendemos que a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, e porque é de uso social. (cf. Faulstich, 1995)

II. Uma teoria da variação em terminologia

Em 1989, quando passamos a investigar o estatuto do termo mais amiúde, surgiram as primeiras idéias de que, no discurso, o termo apresentava variação. Na ocasião, desenvolvemos um estudo teórico que previa a realização variável de um *termo*. A esta entidade variante atribuímos a denominação de *alotermo*.⁸

À luz dos modelos de variação do fonema (alofone) e do morfema (alomorfe), discutimos os princípios que proporcionavam a variação do lexema, cuja entidade resultante passamos a denominar “alolexe” para a variante de lexema e “alotermo” para a variante do termo. Apesar de reconhecer que o constructo de um alofone ou de um alomorfe seja diferente do constructo do alolexe e de alotermo, defendemos a idéia de que, no plano da proporcionalidade, estas entidades lingüísticas apresentavam certa identidade. Com base nesses pensamentos, entendemos que o alotermo possuía argumentos que permitiam explicitá-lo como variante: para uma dada forma (termo X), há entidades lingüísticas de grande proximidade (termo Y), que se apresentam como:

- i) formas condensadas ou expandidas escritas de maneira quase idêntica, com o mesmo significado;

⁸ Os conceitos de *alolexe* e *alotermo* estão discutidos em minha tese de doutorado, denominada *Interpretação de variante lexical*, defendida na Universidade de São Paulo, 1988.

- ii) formas diferentes, em decorrência do uso em contextos discursivos de diferentes níveis, com o mesmo significado;
- iii) formas diferentes, mas com o mesmo significado, em decorrência do uso em espaços geográficos distintos em que se fala a mesma língua;
- iv) formas idênticas ou diferentes, com o mesmo significado ou com significado desviante, em decorrência do movimento percorrido pela língua no percurso histórico;
- v) formas provenientes de línguas estrangeiras que estimulam o surgimento de uma outra no vernáculo, com o mesmo significado.

Assim, pudemos constatar que entre itens de mesma identidade, subjazem: num primeiro momento, unidades virtuais, prontas para serem atualizadas nos discursos de especialidade (significados terminológicos); num segundo momento, unidades mínimas resultantes de combinatórias sintagmáticas (termos); num terceiro momento, os elementos de realização variável, dependentes de contexto (alotermos). O alotermo pode ser entendido como unidade variante analógica, condensada ou expandida, que, no uso de uma língua natural, deve ter o máximo de coincidência com um termo existente.

Com o advento da socioterminologia, empreenderam-se esforços a fim de “*atténuer les effets prescriptifs exagérés de certaines propositions normatives*”, no dizer de Boulanger (1991, p.25) e “*en réaction avec les Écoles hypernormalisatrices déconnectées des situations linguistiques propres à chaque pays...*”, como declara Auger.⁹

Dessa maneira, em trabalho nosso de 1995,¹⁰ retomamos a discussão em torno da variação em terminologia, agora no qua-

⁹ Em Notes de cours. *Norme, normalisation, normalisation terminologique*, Québec, Université Laval, 1993, p. 53.

¹⁰ Esta primeira tipologia foi elaborada no curso de Socioterminologia, ministrado por mim, na Universidade de Brasília, durante o curso de especialização em Lexicografia e Terminologia, no ano de 1995. Este

dro de uma interpretação socioterminológica, e consideramos, mais uma vez, que as variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, lingüística e geográfica, faz do termo. Para descrever terminologias em variação, é necessário ter em conta qual é o padrão de língua que está sendo considerado. Depois disso, será possível criar parâmetros para o objeto abordado e observar se a descrição tende à normalização, à normativização, à hipernormalização, ou se tende a uma postura ideológica de natureza puramente preconceituosa. Em consonância com essas idéias, relembremos nossas reflexões:

Um uso normal tende a normalizar-se no meio da comunidade que o adota; por sua vez, um uso normativo resulta da recomendação de uma "autoridade" que prescreve qual deve ser o "bom uso" da língua e na língua e, comumente, tal recomendação aparece registrada nos documentos prescritivos e normativos. Neste contexto, o termo normalização é ambíguo, porque tanto pode significar o processo de tornar normal os usos lingüísticos, quanto pode significar um processo impositivo de "bom uso". A este último significado cabe mais a expressão normativização, neologismo que poderia substituir o termo lingüístico normalização. O conceito de normalização está mais relacionado ao de padronização e de uniformização e, até mesmo, ao de harmonização lingüística do que ao de imposição. (Faulstich, 1999a, p.172)

Há que considerar que normalização e variação funcionam como conjuntos em movimento e em interação. Não são, entre si, entidades antonímicas, mas entidades opositivas transitivas, porque a presença de um termo normalizado no discurso ativa a lembrança da variante correspondente, já que ambas estão vivas na língua.

modelo inicial passou por diversas releituras e foi-se ampliando até chegarmos à tipologia de 1999, a mais atual, cuja síntese aparece neste artigo.

Criamos, então, a primeira tipologia de variação em terminologia,¹¹ que resultou em 5 tipos de variantes, quais sejam: i) variante gráfica, ii) variante lexical, iii) variante morfossintática, iv) variante socioprofissional e v) variante topoletal.

Em estudos posteriores, revisamos esta classificação de 95, e o passo dado, entre outros, foi a eliminação da variante socioprofissional, por considerarmos que todo termo, pelo fato de ser oriundo das linguagens de especialidade, pertence a essa esfera. Passamos, então, a organizar as variantes em dois grandes grupos: *variantes terminológicas lingüísticas* e *variantes terminológicas de registro* (cf. Faulstich, 1996a e b).

As **variantes terminológicas lingüísticas** são aquelas em que o fenômeno propriamente lingüístico determina o processo de variação. As **variantes terminológicas de registro** são aquelas em que a variação decorre do ambiente de ocorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos lingüísticos. Dentro desses dois grandes grupos, reconhecemos que as variantes apresentavam diferenças entre si, em conformidade com o fenômeno lingüístico provocador das alterações. Diante dessas diferenças, criamos tipologias que distribuem as variantes lingüísticas terminológicas ora em consonância com a forma resultante do sistema, ora em consonância com o lugar de uso, com o nível de discurso e com o percurso temporal do termo na língua. Neste caso, analisamos os termos em diferentes sincronias.

Em razão das diferenças, as variantes lingüísticas passaram a ser classificadas como variante terminológica lexical, variante terminológica morfossintática e variante terminológica gráfica. Essa tipologia vai, no entanto, sofrer modificação mais tarde. As variantes de registro, por sua vez, permaneceram classificadas como: variante terminológica geográfica, variante terminológica de discurso e variante terminológica temporal.

Em 1997, elaboramos alguns fundamentos teóricos e metodológicos da variação em terminologia e, para dar suporte às

¹¹ Ver explicações e exemplos em Faulstich, E. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia. Termo e variação*, 1995.

categorias e aos tipos, incluímos no modelo uma nova proposição, qual seja, a de análise do termo, sob a perspectiva sincrônica e sob a perspectiva diacrônica.¹² Em 1998, formulamos os postulados para uma teoria da variação em terminologia¹³ e estabelecemos que o processo da variação se dá dentro de um constructo teórico em que variáveis produzem variantes que funcionam nas línguas, de acordo com as lacunas que elas venham a preencher. (Ver Fig. 1 adiante)

Desse raciocínio surgiu a primeira versão de categorias de variantes dos termos. As categorias ficaram distribuídas em duas, a das *concorrentes* e a das *coocorrentes* (juntamos a estas, mais tarde, uma terceira categoria, a de variantes competitivas). A tipologia das variantes concorrentes passou a incluir, além dos tipos já existentes, a variante terminológica fonológica.¹⁴

Em 1999, elaboramos o modelo ampliado do constructo teórico da variação. No nível das categorias, incluímos a de variantes *competitivas* com a função de abrigar os empréstimos lingüísticos e de discutir como ocorrem os processos de entrada e de permanência dos termos estrangeiros no português do Brasil. No conjunto dos tipos concorrentes, desmembramos a variante morfossintática em variante morfológica e variante sintática.¹⁵ (Ver Fig. 5)

Considerando que, em terminologia geral, forma e conteúdo podem permanecer unívocos, não-variacionais, designativos, postulamos que, em terminologia funcional, os termos encontram terreno para a variação. Por oportuno, relembramos que nenhum estágio da língua é um bloco homogêneo, embora seja

¹² As idéias acerca da variação diacrônica em terminologia aparecem, primeiramente, em conferência apresentada na Universidade Federal de Pernambuco, 1997, e em conferência magistral de Havana, 1998.

¹³ Os postulados da teoria da variação em terminologia foram apresentados, primeiramente, no XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística (ANPOLL), realizado na Universidade de Campinas (Unicamp), em junho de 1998.

¹⁴ Esta proposta está publicada em Faulstich, 1998b e 1999a.

¹⁵ O modelo ampliado foi apresentado em conferências no *Seminário de Terminologia Teórica*, IULA, Barcelona, 28-29 de janeiro de 1999 e *Le LaSIC*, le CIRAL, Université Laval, Québec, 12 de abril de 1999.

regular. Cada estágio da língua, por sua vez, está limitado por complexos de variedades lingüísticas, as quais se entrecruzam por impulso da linguagem e tendem a apresentar: i) a variação como processo; ii) as variantes como protocolos naturais de evolução; iii) a mudança como produto da alteração nos esquemas comunicativos. (cf. Faulstich, 1998/99)

III. Os postulados: um constructo

A teoria da variação em terminologia que desenvolvemos é sustentada por cinco postulados:

a) dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade ou univocidade ou monorreferencialidade, associando-se à estrutura terminológica a noção de heterogeneidade ordenada;

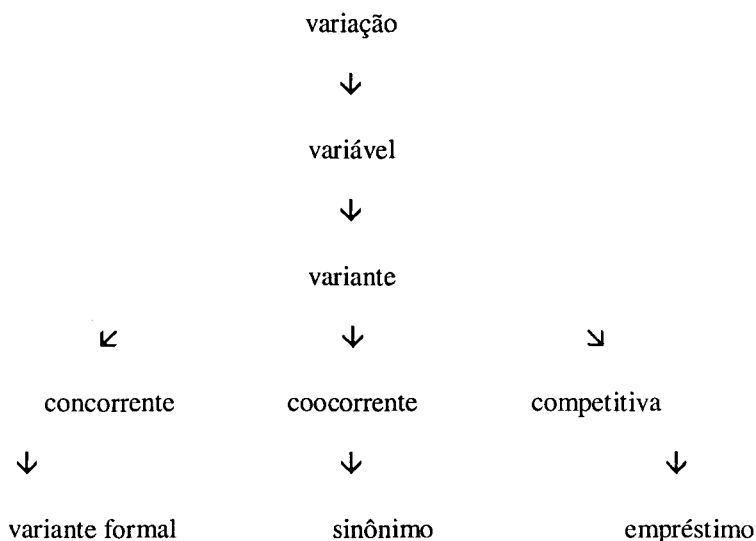
b) abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado;

c) aceitação de que, sendo a terminologia um fato de língua, ela acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática;

d) aceitação de que a terminologia varia e de que essa variação pode indicar uma mudança em curso;

e) análise da terminologia em co-textos lingüísticos e em contextos discursivos da língua escrita e da língua oral.

Com base nesses postulados, formulamos o seguinte esquema básico de variação. Num plano superior aparecem as categorias (variantes concorrentes, coocorrentes e competitivas) e, no plano seguinte, as subcategorias (variante formal, sinônimo e empréstimo):

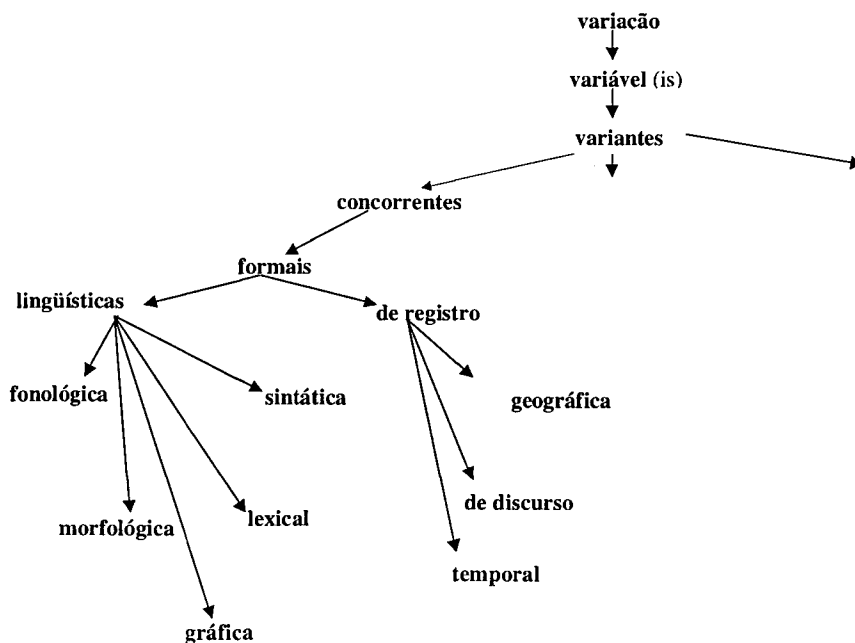
Figura 1: **Constructo teórico da variação em terminologia**

IV. Aplicações

IV.1 A categoria das variantes concorrentes

As variantes concorrentes são aquelas que podem concorrer entre si, e permanecer, como tais, no estrato, ou que podem concorrer para a mudança. Nessa condição, uma variante que concorre com outra ao mesmo tempo não ocupa o mesmo espaço, por causa da própria natureza da concorrência. Se uma variante está presente no plano discursivo, outra não aparece. Assim, as variantes concorrentes, nesse papel, se organizam em distribuição complementar. São variantes formais. A variante formal é uma forma lingüística ou forma exclusiva de registro que corresponde a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente, podendo concorrer num contexto determinado. Classificam-se em variantes terminológicas lingüísticas e variantes terminológicas de registro.

Figura 2: **Constructo teórico da variação em terminologia**
(modelo reduzido: as variantes concorrentes)



As **variantes terminológicas lingüísticas** são aquelas cujo fenômeno propriamente lingüístico determina o processo de variação.

Para classificar as variantes terminológicas lingüísticas, obedecemos aos seguintes princípios:

- a) a interpretação semântica é a base para análise do termo;
- b) as unidades terminológicas complexas (UTCs) são analisadas sob o ponto de vista funcional;
- c) os subsistemas da língua portuguesa constituem o fundo lingüístico de análise;
- d) os usos escrito e oral dos termos são levados em conta.

No grupo das variantes terminológicas lingüísticas estão inclusos os seguintes tipos:

1. **Variante terminológica fonológica**, para as quais a escrita pode surgir de formas decalcadas da fala, como *portfólio* em relação a *porta-fólio*.

2. **Variante terminológica morfológica**, a que apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem que o conceito se altere, como *bactéria avirulenta* e *bactéria não-virulenta*, na linguagem de cultura de tecidos; a variação atua nos formantes do termo.

3. **Variante terminológica sintática**, em que há alternância entre duas construções sintagmáticas que funcionam como predicação de uma UTC, como em *vetor de clonagem gênica* e *vetor de clonagem de genes*, na linguagem do melhoramento genético de plantas. Neste caso, a variação se processa na substituição de uma parte do item lexical por outro com estrutura semelhante, formando uma mesma unidade terminológica. Pode ocorrer que o adjetivo se expanda em locução adjetiva, formada de PREP + SUBS (preposição mais substantivo), ou o contrário, que a locução se reduza a um ADJ (adjetivo) com a mesma função. Tanto a forma expandida quanto a reduzida têm função de predicar a base.

4. **Variante terminológica lexical**, em que algum item da estrutura lexical de uma unidade terminológica complexa (UTC) sofre apagamento, mas o conceito do termo não se altera, como em *melhoramento genético de plantas e melhoramento / Ø / de plantas*. O apagamento de um dos elementos de predicação reduz a extensão do termo, mas não simplifica o significado, nem perturba a compreensão, porque a base preserva o conceito inerente ao termo naquele contexto.

5. **Variante terminológica gráfica**, a que se apresenta sob forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua, como *pólen* e *polem*, na linguagem da botânica, bem como *câibra* e *câimbra* na linguagem médica. Este tipo de variação decorre da forma escrita do termo.

As **variantes terminológicas de registro** são aquelas cuja variação decorre do ambiente de concorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos lingüísticos dos termos.

Para classificar as variantes terminológicas de registro, obedecemos aos seguintes princípios:

- a) os termos são recolhidos no discurso real da linguagem de especialidade;
- b) os termos pertencem à variedade sócio-profissional;
- c) os termos são recolhidos de textos, de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto;
- d) os termos são recolhidos de discursos com maior ou com menor grau de formalismo, que tratam do mesmo assunto;
- e) os termos são recolhidos de textos redigidos em épocas diferentes, que tratam do mesmo assunto;
- f) os usos escrito e oral são levados em conta.

No grupo das variantes terminológicas de registro estão inclusos os seguintes tipos:

1. **Variante terminológica geográfica**, aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua. Pode decorrer ou de polarização de comunidades lingüísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais, ou de influências que cada região sofreu durante sua formação. Servem de exemplos os termos da linguagem médica *caxumba*, usado no centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, e *papeira*, termo usado no norte e nordeste do Brasil, assim como em Portugal. Outros exemplos: *aipim* (sudeste e sul do Brasil), *macaxeira* e *mandioca* (centro-oeste, norte e nordeste do Brasil), termos da área de legumes.

2. **Variante terminológica de discurso**, a que decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre elaborador e usuários de textos científicos e técnicos, podendo ser estes mais ou menos formais, como *i) parotidite*, que é um termo específico do discurso científico, da área da medicina; *ii) junta de descarga*, termo próprio do discurso técnico, da área de mecânica de automóveis; *iii) planta de proveta*, termo próprio do discurso de vulgarização científica, da área de melhoramento genético de plantas. Este tipo de variante ocorre no plano vertical do discurso de especialidade.

3. Variante terminológica temporal, aquela que se configura como mais usual no processo de variação e mudança, em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma forma se fixe como a preferida. Serve de ilustração o estudo da variação entre os termos *libra* e *arrátel*, feito por Mello (2001, p.39-40):

Em todas as fontes que usamos para a pesquisa,¹⁶ *arrátel* é preferencialmente o termo usado para indicar 500 gramas, enquanto *libra* tem uso de baixa freqüência. Podemos inferir que o menor uso de *libra* talvez se devesse ao fato de, para esse mesmo termo, haver dois referentes e, conseqüentemente, dois significados, o de valor ponderal e o de moeda, enquanto *arrátel* somente significava valor ponderal.

Por outro lado, se a variante X, no caso *libra*, corrobora o surgimento de uma coocorrente Y, *arrátel*, isto significa que o processo de mudança pode estar em curso e que Y tende a estabilizar-se por ser mais fortuita, no contexto social em que foi usado, do que X.

Portanto, *arrátel* é variante coocorrente de *libra* porque elas se equivalem no plano do conteúdo e respondem por referências sócio-discursivas reais. Quer dizer, no discurso da culinária portuguesa antiga, o termo preferido para pesar alimentos variados era *arrátel*, enquanto *libra* se dividia, ora como moeda, ora como medida de massa, em outros discursos.

No Brasil, *libra* tem preferência de uso como medida de massa, mas também há registros de *arrátel*, sendo, portanto, *sinônimos*, como em Portugal.

Cabe observar, por último, que *arrátel* entra no português de Portugal por empréstimo proveniente do árabe, donde supomos que tenha havido um período de competição entre *arrátel* e *libra* e, ao mesmo tempo, um período de coo-

¹⁶ Em dissertação de Mestrado de Maria Catharina Pires de Mello, defendida no LIV/UnB, sob minha orientação, em março de 2001.

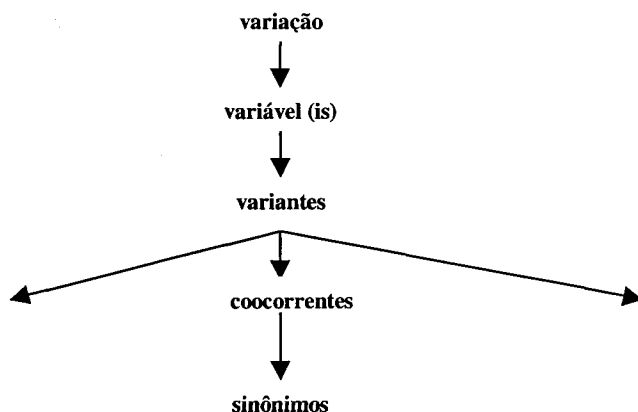
corrência entre dois termos, até que se estabilizou na língua como termo em uso; no caso ficou libra no uso europeu, e do uso brasileiro o termo parece ter desaparecido.

É preciso atentar para o fato de que a divisão das variantes terminológicas formais em dois grandes grupos (lingüísticas e de registro) e, depois, em tipos específicos, não exclui a possibilidade de os tipos aparecerem combinados entre si, como, ocorre com as variantes *estrupe* e *estupro*, em relação ao termo normalizado *estupro*, ambas variantes usadas em discurso de pessoas de menor grau de escolaridade, e até mesmo registrada, tal como é pronunciada, no discurso técnico da autoridade (laudo pericial) que recebe a queixa da pessoa que sofreu a violência. Outro fato lingüístico é *aipi* (em relação a *aipim*) e *macaxera* (em relação à *macaxeira*) que são, quanto ao registro, variantes geográficas, e, umas em relação às outras, variantes lingüísticas gráficas.

IV.2 A categoria das variantes coocorrentes

As variantes **coocorrentes** são aquelas que têm duas ou mais denominações para um mesmo referente. Estas variantes têm por função fazer progredir o discurso e organizam, na mensagem, a coesão lexical. Entre variantes coocorrentes há compatibilidade semântica, uma vez que elas se equivalem no plano do conteúdo. As variantes coocorrentes formalizam a **sinonímia terminológica**. **A sinonímia terminológica relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e podem coocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo.**

Figura 3: **Constructo teórico da variação em terminologia**
(modelo reduzido: as variantes concorrentes)



Oliveira (2001) analisa relações de sinonímia entre termos em co-ocorrência discursiva e observa que a sinonímia terminológica, ao contrário do que muitos teóricos afirmam, ocorre em contextos de linguagem de especialidade, ainda que de forma bastante específica. Constata que os sinônimos terminológicos são hipônimos concorrentiais de mesmo nível (Duquet-Picard, 1982) e que são também entidades variantes concorrentes¹⁷ (Faulstich, 1998). Chama atenção para o fato de que termos variantes que contenham marcas de uso, sejam geográficas, sejam discursivas, sejam históricas, não são entidades em relação de sinonímia, mas variantes concorrentes de diversas naturezas, porque a pseudo-equivalência não promove a sinonímia, uma vez que toda sinonímia é variação, mas nem toda variação gera sinônimos. (Ver Fig. 6)

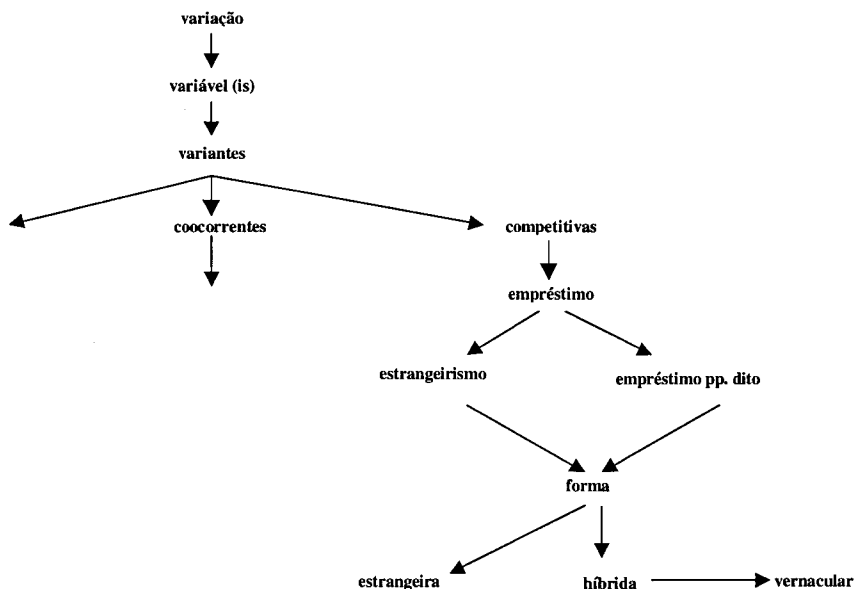
IV.3 A categoria das variantes competitivas

As variantes **competitivas** são aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes, quer dizer,

¹⁷ Em dissertação de mestrado de Maria Francisca Amorim, defendida no LIV/UnB, sob minha orientação, em julho de 2001.

itens lexicais de uma língua B preenchem lacunas de uma língua A. As variantes competitivas sofrem, em seu desempenho, intersecções, devido à própria natureza estrangeira da expressão. Esse fenômeno se dá quando a estrutura da língua do termo estrangeiro é perturbada por estruturas da língua vernacular; a mistura de formantes ativa a variação. As variantes competitivas se realizam por meio de pares formados por **empréstimos lingüísticos e formas vernaculares**. Os empréstimos lingüísticos são itens lexicais que se originam de língua estrangeira e, depois, no contexto social da língua recebedora, se tornam variantes porque provocam o surgimento de uma forma vernacular equivalente, por causa do ambiente lingüístico estranho à sua permanência natural.

Figura 4: **Constructo teórico da variação em terminologia**
(modelo reduzido: as variantes competitivas)



IV.3.1 O empréstimo lingüístico sob a perspectiva variacionista¹⁸

As variantes competitivas relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes. São entidades lexicais que se compõem de, pelo menos, um par formado por lexemas de língua estrangeira e de língua vernacular. A variação se efetiva por meio do empréstimo que, segundo a interpretação variacionista, tem a característica de motivar o surgimento do elemento de competição na língua vernacular que o recebe, como ocorre, por exemplo, entre *stress* e *estresse*, em que a estrutura de *stress* já se encontra adaptada ao padrão silábico do português. Outro exemplo é *e-mail* e *correio eletrônico*, termos usados um pelo outro, no discurso contemporâneo, quando um termo da língua vernacular comuta um termo de língua estrangeira e vice-versa.

O surgimento de variantes pode ser explicado pelo fato de o empréstimo lingüístico, na condição de termo, variar a forma no português do Brasil (PB) e produzir variantes. As variantes produzidas podem realizar-se de três formas: como *forma estrangeira*; como *forma híbrida*, ambas capazes de provocar o surgimento de uma terceira: uma *forma vernacular*. Em todas as situações, o significado referencial se mantém. (ver Figs. 5 e 7)

A base para o surgimento desse tipo de variante é o empréstimo lingüístico, realizado como um estrangeirismo ou como um empréstimo propriamente dito. O resultado se concretiza por meio, ou de uma forma estrangeira, ou de uma forma híbrida que provoca o aparecimento da forma vernacular em competição.

Para Lamberti (1999), o empréstimo lingüístico apresenta comportamentos específicos na língua recebedora, razão pela qual desempenha papel de variante competitiva. Assim no uso do português do Brasil, essa unidade lexical:

¹⁸ O conteúdo de "O empréstimo lingüístico sob a perspectiva variacionista" faz parte da dissertação de mestrado de Flávia Lamberti, defendida no LIV/UnB, sob minha orientação, em dezembro de 1999.

- a) mantém a forma tal qual no inglês e gera uma forma lingüística no PB;
- b) gera palavras derivadas ou compostas híbridas e motiva o surgimento de um novo significado para um termo vernacular já existente no PB;
- c) gera unidades terminológicas complexas (UTCs) híbridas e UTCs vernaculares;
- d) abandona a forma de origem em favor de um decalque no PB;
- e) mantém a forma tal qual no inglês e gera uma forma adaptada às regras morfofonêmicas do PB.

Por conseguinte, o empréstimo lingüístico cumpre, funções dentro da língua recebedora. Normalmente, atua como um item lexical harmonizador no plano da comunicação interlingüística e enriquecedor do sistema lexical nacional no qual entra.

V. Algumas reflexões ainda em pauta

Para finalizar as considerações feitas neste texto, gostaríamos de refletir ainda acerca da antinomia que se afigura entre a terminologia geral e a terminologia variacionista: os princípios de uma e de outra parecem constituir parâmetros divergentes para o desenvolvimento teórico e prático. Todavia, é o método utilizado que indica a escolha teórica e os resultados práticos decorrentes de uma ou de outra.

É sabido que E. Wüster, quanto à relação entre a terminologia geral e outras disciplinas, atribuía maior ênfase ao vocabulário em detrimento da gramática, justificando que os aspectos gramaticais que serviam à terminologia eram os mesmos da língua comum. Não há como negar essas idéias de modo precípua, porque, de fato, terminologia é a disciplina que tem por base o termo em sua essência nocional. Porém, a terminologia funcionalista procura ver o fenômeno de outro ângulo. Não podemos pensar o item lexical ou item terminológico sem gramática. A pura autonomia do léxico terminológico não se sustenta em nenhum quadro teórico, tendo em vista que a língua – na sua essência formal – engendra, ao produzir termos, mecanismos

estruturados segundo as regras que regulamentam os componentes dos sistemas lingüísticos. A semântica dos termos resulta, pois, das associações gramaticais (morfologia, fonologia, sintaxe) que abrangem os fenômenos lingüísticos na sua totalidade. É curioso notar que, em terminologia, a descrição revela nuances que pouco interessam às descrições feitas em torno da língua geral, como a formação de unidades (terminológicas) complexas em linguagens científicas, a estruturação de fraseologismos nas linguagens técnicas, o movimento e a variação de formas nos estratos de linguagens de especialidade, em sincronias distintas, entre outras.

Referências bibliográficas

- AUGER, P. (1994) Variation linguistique et implantation: vers une nouvelle approche de la terminologie? Pour un modèle variationniste de l'implantation terminologique dans les entreprises au Québec. *Les actes du colloque sur la problématique de l'aménagement linguistique*. Office de la langue française, Université du Québec à Chicoutimi, p. 483-493.
- BOULANGER, J.-C. (1991) Une lecture socio-culturelle de la terminologie. *Cahiers de linguistique sociale* (18). Rouen, Université de Rouen, p.13-30.
- DUQUET-PICARD, D. (1986) *La synonymie en langues de spécialité: étude du problème en terminologie*. Québec, GIRSTERM.
- FAULSTICH, E. (1988) *Interpretação de variante lexical*. Tese de doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- _____. (1995) *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Brasília, Centro Lexterm.
- _____. (1996a) Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, (24), n. 3. Brasília, MCT/CNPq/IBICT, p. 281-288.
- _____. (1996b) Variantes terminológicas: princípios lingüísticos de análise e método de recolha. *Actes: Reflexions méthodologiques sur le travail en terminologie et en terminotique dans les langues latines*. Nice, Realiter, Université de Nice-Sophie Antipolis, p. 15-19.

- _____. (1997) Da lingüística histórica à terminologia. *Investigações* (7). Recife, Universidade Federal de Pernambuco, p. 71-101.
- _____. (1998a) Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. A sair em *Actas da VI Ríterm*, Havana, Cuba.
- _____. (1998b) Variação terminológica. Algumas tendências no português do Brasil. *Cicle de conferències 96-97. Lèxic, Corpus i Diccionaris*. Barcelona, IULA, p. 141-154.
- _____. (1999a) A função social da terminologia. *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa* [orgs. A. C. de S. RODRIGUES, I. M. ALVES, N. S. GOLDSTEIN]. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, p. 167-183.
- _____. (1999b) À propos de la catégorisation de la variation en terminologie. *Conférence*. Université Laval, le CIRAL, le LaSIC, 12 avril.
- _____. (1999c) Princípios formais e funcionais de variação em terminologia. *Seminário de Terminologia Teórica, Barcelona, 28-29 de janeiro*.
- _____. (1998/99) Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie. *Terminology*, v. 5(1). Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, p. 93-106.
- GAUDIN, F. (1993) *Socioterminologie. Des problèmes semantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen, Université de Rouen.
- LAMBERTI, F. (1999) *Empréstimos lingüísticos no português do Brasil: uma interpretação variacionista*. Dissertação de Mestrado, UnB, LIV.
- LURQUIN, G. (1979) In Memoriam Eugen Wüster. *Le langage et l'homme*, 1979 (40), p. 55-71.
- MELLO, M. C. P. de (2001) Da sincronia para a diacronia: a relação termo-conceito em movimento. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB, LIV.
- OLIVEIRA, M. F. A. (2001) O tratamento da sinonímia no dicionário escolar. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB, LIV.

Figura 5: Constructo teórico da variação em terminologia
(modelo ampliado sem exemplos)

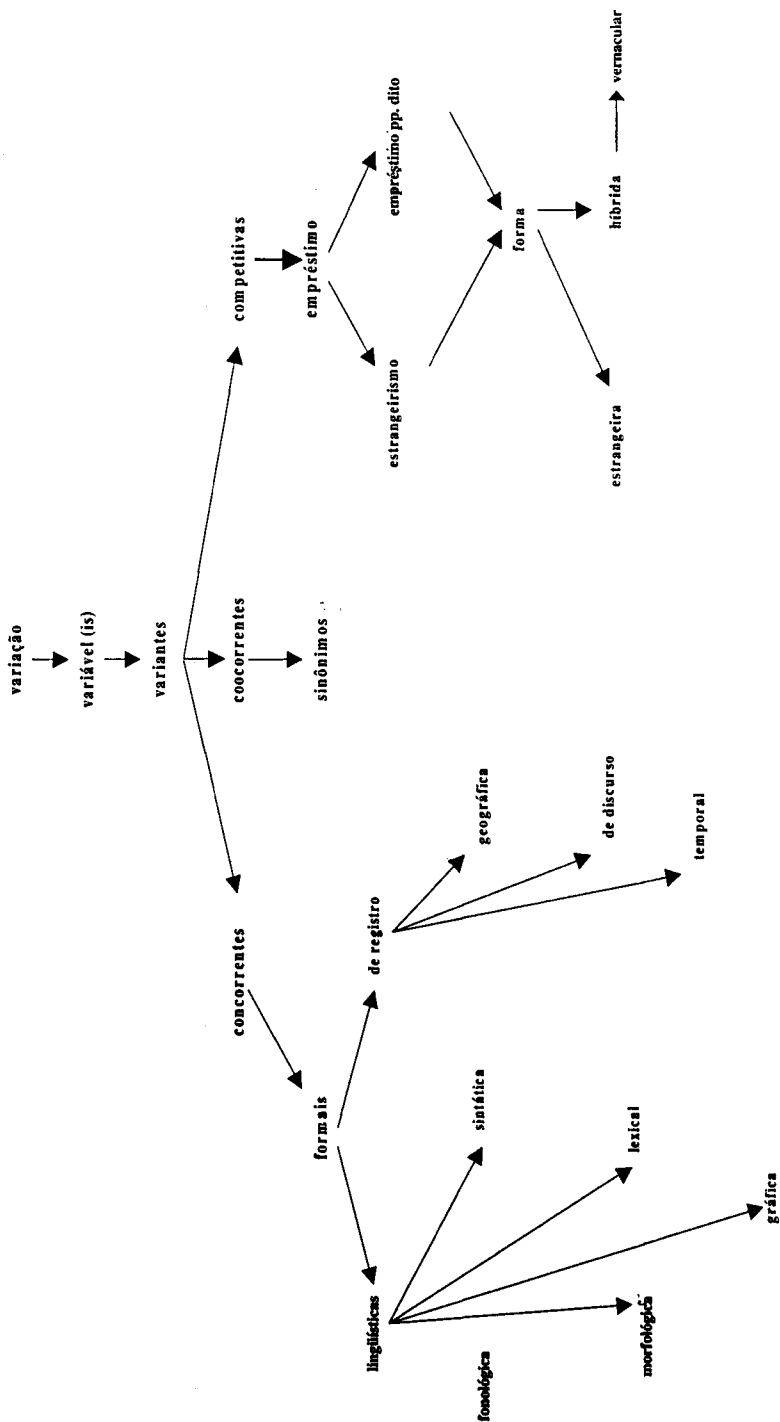


Figura 6: Quadro de distribuição de termos concorrentes e coocorrentes

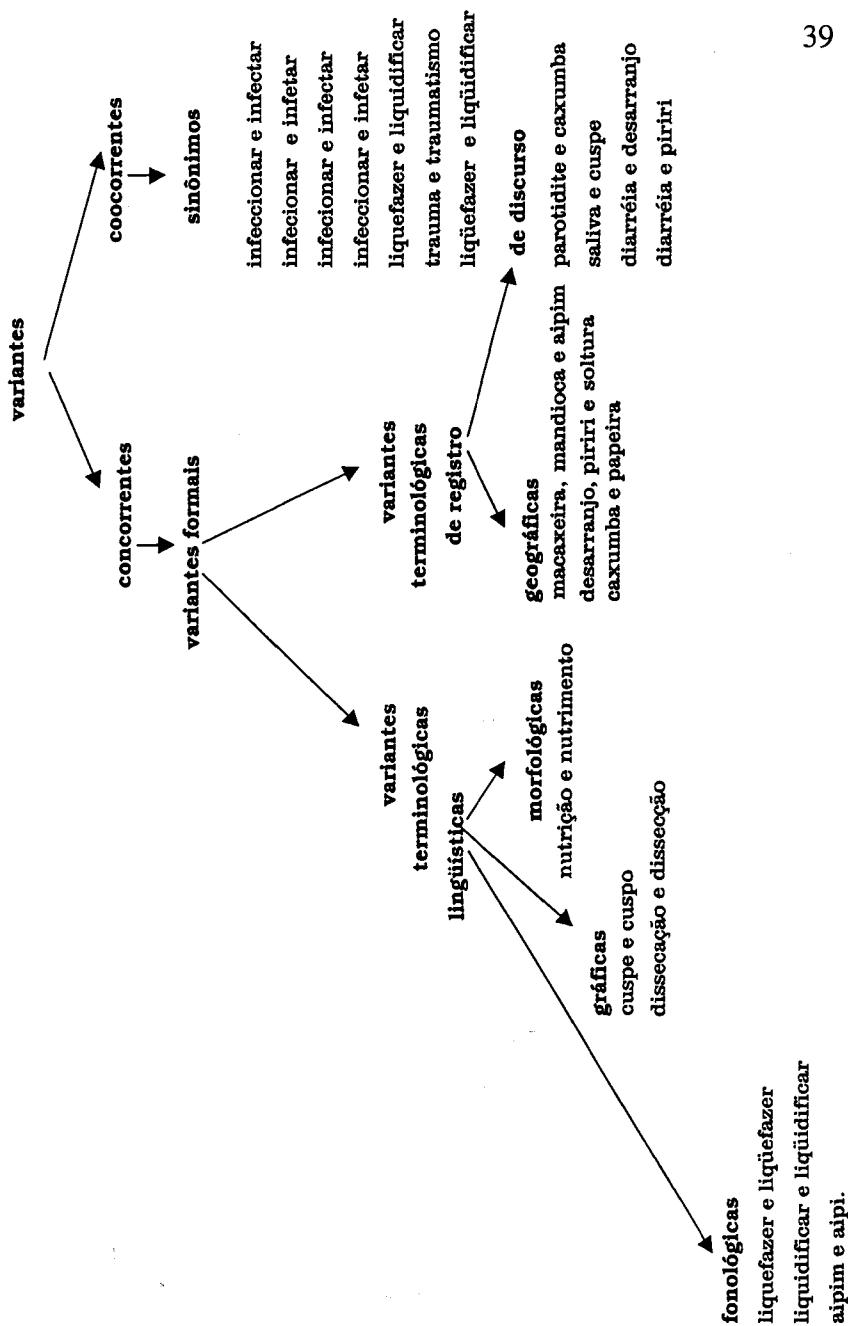


Figura 7: Construto teórico da variação em terminologia
(modelo ampliado com exemplos)

